

Subjetividade em debate: religiões brasileiras e comunidade LGBTQIA+ sob o olhar sócio-histórico

Subjectivity in debate: brazilian religions and the LGBTQIA+ community from a socio-historical perspective

Subjetividad en debate: las religiones brasileñas y la comunidad LGBTQIA+ desde una perspectiva sociohistórica

DOI: 10.5281/zenodo.14243448

Recebido: 05 nov 2024

Aprovado: 21 nov 2024

Ryan Dutra Rodrigues

Graduando em Psicologia

Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU)

Endereço: São Paulo – SP, Brasil.

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0008-0551-4496>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8141647860005114>

E-mail: ryandutra300@gmail.com

Maria Gabriela dos Santos Pereira

Mestre em Psicologia Social¹, Psicóloga¹, docente do curso de Psicologia²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)¹ e

Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU)²

Endereço: São Paulo – SP, Brasil.

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3490928630880772>

E-mail: maria.g.pereira@fmu.br

RESUMO

Dada escassez de estudos que contemplam o tema: a influência das religiões na subjetividade da população LGBTQIA+ e no curso de psicologia, se fez necessário uma pesquisa que abrangesse uma comunidade que é invisibilizada na sociedade e delimitar a corresponsabilidade das religiões nessa invisibilização e violência direcionada a ela. Tradicionalmente, o Brasil se desenvolveu sob valores católicos, mesmo que sincretizado com crenças e cultos de outros povos; bem como a segmentação do Cristianismo em si. No que tange a população LGBTQIA+, estudos revelam que segmentos tradicionalistas tanto do catolicismo quanto do protestantismo, possuem um posicionamento negativo perante a esse grupo, mesmo havendo vertentes inclusivas do cristianismo e de religiões de matrizes africanas.

Palavras-chave: População LGBTQIA+, Religião, Subjetividade, Psicologia, Estudos sócio-históricos.

ABSTRACT

Given the scarcity of studies addressing the theme of religion's influence on the subjectivity of the LGBTQIA+ population and within psychology programs, a research effort became necessary to encompass a community often rendered invisible in society. This research aims to delineate the shared responsibility of religions in perpetuating this invisibility and the violence directed toward this group. Traditionally, Brazil has developed under Catholic values, albeit syncretized with the beliefs and practices of other

cultures, as well as within the segmentation of Christianity itself. Regarding the LGBTQIA+ population, studies reveal that traditionalist segments of both Catholicism and Protestantism hold negative stances toward this group, even though inclusive branches of Christianity and religions of African origin also exist.

Keywords: LGBTQIA+ population, Religion, Subjectivity, Psychology, Socio-historical studies.

RESUMEN

Dada la escasez de estudios que aborden el tema de la influencia de las religiones en la subjetividad de la población LGBTQIA+ y en los programas de psicología, se hizo necesario realizar una investigación que abarque a una comunidad frecuentemente invisibilizada en la sociedad. Esta investigación busca delimitar la corresponsabilidad de las religiones en perpetuar dicha invisibilización y la violencia dirigida hacia este grupo. Tradicionalmente, Brasil se ha desarrollado bajo valores católicos, aunque sincretizados con las creencias y prácticas de otras culturas, así como con la segmentación del cristianismo en sí mismo. En lo que respecta a la población LGBTQIA+, los estudios revelan que segmentos tradicionalistas tanto del catolicismo como del protestantismo tienen posturas negativas hacia este grupo, aunque también existen vertientes inclusivas del cristianismo y de religiones de origen africano.

Palabras clave: Población LGBTQIA+, Religión, Subjetividad, Psicología, Estudios sociohistóricos.

1. INTRODUÇÃO

As diversas crenças e proposições religiosas ganham diferentes espaços no decorrer da história humana, não permanecendo somente nas instituições; mas extrapolam e se mesclam com a política, com a cultura, com os costumes locais. No Brasil, esse fenômeno se torna ainda mais complexo visto a multiplicidade cultural de cada cidade, estado ou região, que também incorpora práticas ancestrais de povos originários, colonizadores, imigrantes e escravizados que aqui chegaram. Algumas religiões são predominantes nesse cenário vasto e complexo, como o caso do cristianismo e suas vertentes: o catolicismo e o protestantismo.

Segundo o censo do IBGE de 2010, mais de 90% da população brasileira é religiosa ou prática alguma religião/culto, assim como essas práticas estão organizadas em grupos diversos. Assim, essa pesquisa se baseia no questionamento: existe alguma influência das religiões brasileiras na subjetividade da população LGBTQIA+? Se existe, é possível averiguar quais são os seus posicionamentos perante a comunidade. Historiadores brasileiros (Karnal e Belotti, 2010) indicam que o cristianismo foi e é grande influência na cultura brasileira, manifestada nos usos e costumes morais, na cultura (arte, literatura, regras sociais). Na atualidade, as vertentes evangélicas e neopentecostais ganham espaço nesta determinação.

Porém, sua influência não se concentra somente em seu público ou seus fiéis, pois as religiões quando se consolidam em instituições sociais, promovem ditames sobre como as pessoas podem e devem agir, sentir e pensar. Nota-se a forte presença do fundamentalismo religioso no espaço brasileiro, especialmente no cristianismo, que consiste na leitura e interpretação liberal dos dizeres bíblicos, como única verdade, infalível, e, portanto, único caminho a ser seguido.

Vale lembrar que a Bíblia é composta por diversos livros e foi escrita por diferentes autores, em momentos históricos distintos e sobretudo, para públicos específicos. Assim, a sua leitura e interpretação literal descontextualiza o caráter histórico de momentos e ouvintes/leitores diversos; sendo usada como dogma e conseqüentemente sem possibilidade de questionamento para compreender a diversidade humana. Deste modo, a presente pesquisa averiguou a influência das religiões na subjetividade da população LGBTQIA+ brasileira por meio da revisão bibliográfica de artigos com o mesmo tema e da comparação com dados históricos.

As justificativas para construção dessa pesquisa se dão pela escassez de investigações nessa área, tanto na psicologia quanto em estudos interdisciplinares. Foram analisados artigos e livros que contextualizam o fenômeno religioso brasileiro e sua determinação subjetiva da população LGBTQIA+. Almeja-se que esse estudo venha somar com outros, ampliando e enriquecendo esse campo de saber.

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa trata de uma revisão bibliográfica da literatura existente sobre o tema: influência das religiões na construção subjetiva da população LGBTQIA+ brasileira de caráter exploratório e quali-quantitativa. A principal base de dados utilizada para a busca da literatura foi o Google Acadêmico; com descritores que explicitassem a relação entre comunidade LGBTQIA+ e Religião; assim como na língua vernácula.

Foram analisados seis (6) artigos científicos, uma (1) monografia e uma (1) dissertação de mestrado, com recorte temporal de 20 anos (2003 até 2023), organizados em uma (1) tabela e um (1) gráfico. Além da análise bibliográfica da literatura, correlacionou-se aos conteúdos obtidos a análise da Psicologia Sócio-histórica do/no contexto brasileiro.

As religiões analisadas foram escolhidas a partir de 3 frentes: (1) os dados do IBGE sobre as principais religiões brasileiras por população, (2) as religiões mais citadas nos artigos e (3) as religiões que estão mais próximas da realidade sócio-histórica e cultural do Brasil.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A teoria norteadora da presente pesquisa (Sócio-histórica), formulada por Vygotsky a partir de seus estudos sobre a teoria marxista (materialismo-histórico e dialético), pressupõe que o ser humano é determinado e determina seu contexto socio-histórico-cultural e que por meio do trabalho (transformação da realidade), se constitui enquanto pessoa, tornando-se indivíduo.

Amparado em uma concepção materialista, Vygotsky (2000) comenta que o ser humano tem papel ativo na formação e mudança do meio sociocultural, diferenciando-se dos animais, que somente se adaptam ao contexto para

sobreviver. O ser humano faz o inverso: mediante suas necessidades de sobrevivência, adequa o ambiente a si, através da observação, da abstração, do planejamento; enfim, do desenvolvimento da consciência. Concomitantemente, “*o funcionamento cerebral é moldado tanto ao longo da história da espécie como no desenvolvimento individual, isto é, a estrutura e o funcionamento do cérebro não são inatos, fixos e imutáveis, mas passam por mudanças no decorrer do desenvolvimento do indivíduo devido a interação do meio físico e social*”. (Joenk, 2007, p. 3). Logo, não existe uma “natureza humana” intrínseca ao humano. A evolução do corpo e do cérebro não ocorrem pelo acaso, mas por necessidades sócio-históricas passadas sim pela genética, mas que, antes surgem no meio social.

Vygotsky (2019) postula suas teorias em meio a um momento histórico na qual o positivismo e as ciências naturais ganham força no desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência. Entre essas teorias, percebe-se uma inclinação a chamada “natureza humana”, o sujeito é percebido como um ser dado, constituinte de inatismos, na qual o biológico é o fator central do desenvolvimento humano, considerando os fatores socioculturais como um simples pano de fundo para os condicionamentos e reflexos do comportamento.

Ao longo dessa trajetória, qual seja, a de tentar tornar-se uma ciência exata, a Psicologia procurou leis para a atividade mental “dentro do organismo” (...) os reflexos condicionados envolvidos no comportamento eram considerados propriedades naturais e imutáveis dos organismos (psicologia fisiológica) ou como manifestações de propriedades intrínsecas da mente (psicologia idealista). (LÚRIA, 1990, p. 18)

Vygotsky (2019), tal como seus colaboradores - Luria e Leontiev- não desconsideravam os processos biológicos por total, mas não acreditavam que somente o biológico seria o principal ou único ordenador de comportamentos humanos. Para eles, esse processo se dá dialeticamente (meio sociocultural X biológico), criando e reconstituindo comportamentos, funções mentais... Para além de Vygotsky, as críticas de Ilienkov (apud Mamedov; Shatalova, 2017) também são condizentes com a discussão. O também filósofo soviético e marxista pressupõe o desenvolvimento sociocultural não somente a oposição ao positivismo e as teorias fatalistas e aos naturalistas, mas também, como um posicionamento ético sobre a responsabilidade humana sobre sua própria realidade: “*O radicalismo de Ilienkov resulta não de sua negação radical da influência de genes e hormônios (...), mas pelo fato de que confiar no fator biológico no desenvolvimento pessoal, alivia a sociedade de sua responsabilidade por esse desenvolvimento*”. (MAMEDOV; SHATALOVA, 2017, p. 10).

A partir da contextualização inicial do referencial teórico, é possível perceber sua contribuição sem precedentes para a Psicologia e outras ciências que busquem essa visão de mundo – apesar de não ter discorrido sobre religião enquanto vivo – Os estudos de Vygotsky evidenciam que a determinação sócio-histórica e cultural do fenômeno religioso no Brasil, não se explica por si só, não é algo que “sempre ocorreu”, e não deve ter sua base de explicação naturalizando processos sócio históricos. Pelo contrário, deve ser explicada, pois, a partir de uma análise dialética e histórica, se pode perceber as influências sobre aqueles (comunidade LGBTQIA+) que estão diariamente em contato

com uma sociedade majoritariamente religiosa – no caso do Brasil – e que uma parcela dessas religiões, propiciam violência e negação desses corpos por meio de suas liturgias.

Para tanto, a subjetividade também será entendida por meio dos pressupostos vygotskynianos, bem exemplificados por Rossetto; Brabo (2009, p. 10): *“O sujeito de Vygotsky não se dilui no outro nem se perde no social, mas adquire singularidade na relação com o outro, em relação ao outro (...) assim, subjetividade significa uma permanente constituição do sujeito pelo reconhecimento do outro e do eu”*.

3.1 Religião e Psicologia

Os estudos que se propuseram investigar os diversos fenômenos religiosos são inúmeros. No entanto, para esta análise serão considerados os autores Bezerra; Azambuja; Ferreira (2021) e Bielo (2022) para “delimitar” o enfoque pretendido.

Bezerra; Azambuja; Ferreira (2021, p. 15-17), a partir do estudo comparado entre religiões, buscam contextualizá-la de forma geral como: *“(...) um dos fenômenos mais relevantes da vida humana (...) as diversas religiões não surgem do nada, mas derivam de necessidades e estruturas críveis (...)”*. Considerando também que, cada teórico dessa área de estudo, propôs teorias e questionamentos permeados pelos contextos sócio-histórico-culturais na qual existiram. Evocando a etimologia da palavra “religião” do latim, que significa “unir ou “re-unir” os autores (2021, p. 50) a classificam como *“um fenômeno que possui a função de unir em prol de (alguma coisa) em uma mesma comunidade”*.

Já Bielo (2022, p. 8), ancorado na antropologia da religião, também utiliza o meio comparativo para introduzir o que vem a ser o fenômeno “religião”. Porém, diferente dos autores supramencionados, alerta para uma definição generalizada desse fenômeno: afinal, *“religião como um fenômeno humano não pode ser reduzida a qualquer expressão cultural ou forma social particular (...) definições de “religião” fazem mais do que simplesmente definir; elas nos dizem o que está sendo priorizado no estudo da religião”*. Nesse sentido, por meio do método descritivo e comparativo, Bielo (2022) não busca definir a religião, mas sim, exemplificar a diversidade teórica que esse fenômeno possui.

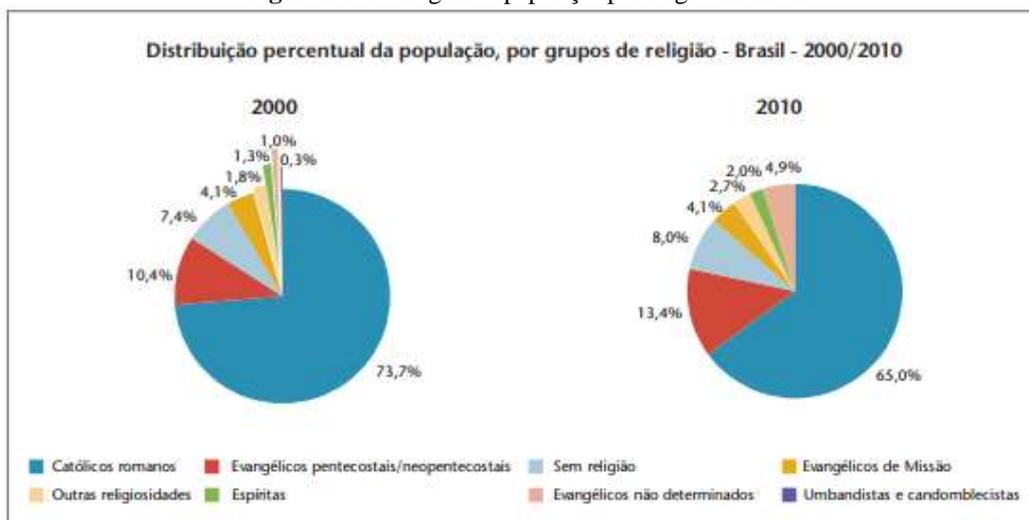
Visto que a presente pesquisa não possui a intenção de explorar todas as complexidades do construto “religião e comunidade LGBTQIA+”, a partir da teoria norteadora sócio-histórica, a religião será analisada como: (1) uma instituição social¹ (2) um “veículo” com especificidades próprias que buscam conduzir seus adeptos a algo ou em prol de.

¹ Berger; (1977, p. 193), define a instituição social como: *“um padrão de controle, ou seja, uma programação da conduta individual imposta pela sociedade (...) uma organização que abrange pessoas”*. Nesse sentido, as religiões também possuem o papel de ordenação social por meio de seus dogmas e crenças.

3.2 O cenário religioso brasileiro: considerações sócio-históricas

As religiões contempladas na presente pesquisa são aquelas que mais aparecem nos artigos analisados, além de apresentarem grande margem de adeptos no Brasil, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010). A figura 1 do censo de 2010 (sendo este o mais recente realizado pelo instituto em caráter nacional) exemplifica os dados coletados: o Brasil é um país cristão, oscilando entre duas grandes vertentes: o cristianismo e o protestantismo.

Figura 1. Porcentagem de população por religião no Brasil



Fonte: IBGE (2010) Censo demográfico.

Para embasar o cenário sócio-histórico desta reflexão, será utilizada obra *Religião e Sociedade na América Latina*, organizada por Silva; Belotti; Silveira (2010), que mencionam diversos autores e pesquisas sobre a temática, como Leandro Karnal.

A contextualização sócio-histórica é necessária, pois, é a partir dela que se pode delimitar o *status* atual de uma sociedade, país e povo. A cultura se constitui sócio historicamente por meio da inserção de narrativas plurais e diversas no cerne das práticas, comportamentos e do dia a dia de uma comunidade, o sujeito se apropria do real para depois então, manifestá-lo, externalizá-lo.

Em primeira instância, as terras “americanas” já habitadas por povos originários/índigenas, são supostamente “descobertas” no século XVI. Assim, as terras hoje conhecidas por Brasil, foram exploradas e colonizada por reis portugueses e abertamente católicos. Concomitantemente, o catolicismo – o papado – enxerga uma solução para seus problemas na Europa: com o rompimento de reinos (francês, inglês...) e a cisão no cristianismo por meio do crescente protestantismo, percebe nas terras novas e “imaculadas” por seus “adversários”, novas possibilidades para reestruturar sua hegemonia eclesiástica. “(...) *mais do que nunca da Igreja Católica necessita de uma compensação para essa perda. Esta compensação foi encontrada na América*”, (KARNAL, 2010, p. 22).

Nesse momento da história, a Religião é indissociável do Estado e nesse caso, o poder dos reis era constituído por influências católicas, que também se estenderam para o Brasil.

Para reconquistar as massas, a Igreja Católica incentivou o barroco. É uma arte dramática, pessoal, emotiva, realista voltada à ideia de seduzir e conquistar as almas (...) Quem inventou a palavra “propaganda” foi a Igreja Católica, surgida com o Instituto de Propagação da Fé (...) A fé barroca traz a emoção como fator de catequese. (KARNAL, 2010, p. 23)

A apelação católica por meio da arte – e não só – é um dos principais movimentos utilizados para angariar e cativar presentes e futuros adeptos, além de, facilitar o processo de doutrinação, tanto dos povos originários, quanto dos escravizados que no Brasil chegaram. Ocorre, então, uma mescla entre os dogmas e a moral da igreja e a cultura da época; conseqüentemente, com a subjetividade do povo. As influências exacerbam os contextos históricos, estando presente nos tempos atuais em cidades com nomes de santos católicos, pessoas com nomes bíblicos, feriados nacionais e regionais católicos (Karnal, 2010), entre outras características. “*Países como o Chile, Argentina e Brasil resistiram ao divórcio muito mais tempo do que o resto do mundo. A questão do aborto é tratada como uma questão religiosa e, não, como uma questão de saúde pública ou de cidadania, pois temos um catolicismo na memória do país*”. (KARNAL, 2010, p. 30).

Porém, em meados do século XX, o Brasil passa por uma mudança de paradigma acerca da relação Religião – Estado, permitindo sua cisão e inserção do protagonismo protestante no cenário religioso brasileiro. Segundo a Constituição de 1988 (Brasil, 1988), estabelecendo assim, o “Estado laico”.

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I - Estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes, relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público; (Brasil, Constituição Federal de 1988, 2024)

Retomando ao estabelecimento do protestantismo no Brasil, Belotti (2010a, p. 56), descreve que a inserção e construção de saber do protestantismo no Brasil no século XX se dá pelos seus próprios adeptos, visto que o catolicismo ainda imperava no início do século. Porém, “*No Brasil, os evangélicos ganharam maior visibilidade após a eleição da bancada evangélica para a Assembleia Constituinte em 1986 e em especial após a compra da Rede Record pelo bispo Edir Macedo em 1989*”. (BETOLLI, 2010, p. 57)

Diferente dos católicos, os protestantes ganharam as massas não pelo barroco, mas utilizaram outros meios, como os tecnológicos e os rádios. Essas novas tecnologias presentes nas casas dos brasileiros, serão vistas como os novos meios de comunicação e informação hegemônicas. Os evangélicos, um dos ramos no Protestantismo, souberam usufruir dessas ferramentas tempos antes dos católicos, pois, a igreja católica pode ter criado a propaganda, mas os

protestantes souberam não só utilizar a propaganda, mas também, o *marketing* e a criação de “produtos cristãos”, feitos para cristãos e para o desenvolvimento de uma “cultura cristã” (BERTOLLI, 2010a).

A mídia evangélica foi um ingrediente crucial na formação de uma cultura evangélica brasileira (...) não somente os pentecostais apostaram na família e em um estilo de vida cristão, mas também os neopentecostais, os avivados e os fundamentalistas. Estes últimos estão presentes no Brasil desde a década de 1950, e intensificaram sua presença com suas entidades para eclesiais voltadas aos jovens. Ao estimular o aproveitamento dos dons artísticos da mocidade evangélica brasileira nos anos 1970, as para eclesiais fundamentalistas foram as maiores responsáveis pelo surgimento do movimento e da música gospel no Brasil nas décadas seguintes. (BERTOLLI, 2010a, p. 65-66).

Mediante as asserções tanto de Karnal (2010), quanto as de Bertolli (2010), é possível levantar a hipótese de que, tanto o catolicismo, quanto o protestantismo foram responsáveis por uma inserção, propagação e estabelecimento de uma “cultura cristã” no Brasil. Apesar de possuírem interesses distintos – cada um interessado em expandir sua hegemonia – ambos foram responsáveis pelo cenário na qual o país se encontra na contemporaneidade: atravessado entre a moral religiosa e sua interferência no Estado, e um suposto Estado laico que “tenta frear” a influência religiosa nas decisões do próprio Estado.

3.3 *Corpos diversos*

Vale lembrar que a moral cristã herda aspectos do judaísmo, que em sua origem, enfatiza uma normatização de sociedade e de família; que em sua égide é patriarcal, cis gênero e heteronormativa. Em alguns trechos da Bíblia (2024), livro central da doutrina cristã, algumas passagens naturalizam os comportamentos, a dominação masculina, tanto para com as mulheres, quanto para povos e corpos diversos – como a homossexualidade. Trechos como: “*Quero, porém, que saibais que a cabeça de todo homem é Cristo; a cabeça da mulher é o homem; e a cabeça de Cristo é Deus... O homem não foi tirado da mulher, mas a mulher do homem. E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem*” (Bíblia de Jerusalém, Coríntios 11:3-9, 2024), ilustram tais ideais; além de: “*As mulheres devem ser submissas a seus maridos, como ao Senhor; pois o marido é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja, seu corpo, do qual ele é o Salvador. Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas a seus maridos*”. (Bíblia de Jerusalém, Efésios 5:22 - 24, 2024).

Citações como essas, corroboram não só para a visão negativa dos corpos femininos, mas também, como mecanismos de reafirmação e manutenção da hegemonia patriarcal e eclesial, pois, segundo esse segmento, “*são as leis de Deus para o Homem*”. Aqueles que vão contra as “leis naturais” da vida humana, sofrem as piores das tragédias e expiações e em última instância, passarão a eternidade no sofrimento eterno do inferno. Os cristãos fundamentalistas também conseguiram “extrair” de suas escrituras, passagens que supostamente condenam a homossexualidade, servindo também de pano de fundo para a legitimação da violência para com a comunidade

LGBTQIA+: “*Não te deitarás com um homem como se fosse mulher: é uma abominação (...) Se um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos cometeram uma abominação; devem ser mortos, e seu sangue cairá sobre eles*”. (Bíblia de Jerusalém, Levítico 18:22 - 20:13, 2024)

A exclusão, os preconceitos, a negação do outro são fortemente ligadas as ideias fundamentalistas do cristianismo – e não só – pois, segundo essa vertente, a análise não deve ser pelo contexto histórico, mas pela leitura literal do que está presente nesse livro. Perpetuando pré-conceitos, cerceando subjetividades, contribuindo para a violência de gênero e intolerância religiosa. Algumas parcelas do cristianismo que possuem uma visão crítica e liberal da Bíblia, as chamadas igrejas ou segmentos inclusivos, possuem uma visão oposta a tais passagens, buscando desconstruir tais saberes enraizados na religião. Também se faz necessário perceber que, a bíblia, é um conjunto de textos escritos 200 anos depois da morte de Cristo, por diversos autores e sobretudo, diferentes públicos. Assim, as mensagens passadas são “recados”, informes e ditames carregados de concepções ideológicas do que vem a ser o humano, o divino, a submissão e a salvação; em como toda a organização social. É o caráter divino que universaliza e naturaliza a mensagem bíblica como algo da natureza humana e, portanto, à imagem e semelhança de Deus.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise sistêmica de literatura realizada na presente pesquisa, se propôs averiguar oito (8) artigos que abordam o tema: a relação da religião com a comunidade LGBTQIA+, e seus impactos, sendo estes subdividido em: (1): posicionamento positivo acerca da comunidade de LGBTQIA+, são as religiões que, em sua maioria, não disseminam preconceitos ou violência contra essa população, além de acolhê-las em sua fé. (2): São as religiões que, apesar de não violentarem essa população, também não demonstram um posicionamento ativo de inserção e acolhimento. (3): São as religiões que possuem um olhar negativo e comportamentos violentos para com a comunidade LGBTQIA+, são aqueles que mais excluem ou violentam essa população, além de não os inserir em sua fé, e/ou, comunidade. A tabela 1, apresenta a síntese geral das análises e dos principais resultados dos artigos contemplados, sendo o artigo mais antigo de 2003 e o mais recente de 2023.

Tabela 1. Relação entre as religiões analisadas e seu posicionamento perante a comunidade LGBTQIA+

Autores	Religiões exploradas	Posicionamento positivo acerca da comunidade LGBTQIA+	Posicionamento “neutro” acerca da comunidade LGBTQIA+	Posicionamento negativo acerca da comunidade LGBTQIA+
Gomes; Souza (2022)	Catolicismo; protestantismo; protestantismo inclusivo; espírita; religiões de matriz africanas;	Protestantismo inclusivo e religiões de matriz africana	Espírita	Protestantismo e Catolicismo
Ribeiro; Comin (2017)	Catolicismo; espiritismo; evangélicos;	Espírita	Espírita	Evangélicos e Catolicismo
Santos et al (2017)	Catolicismo; espiritismo; evangélicos;	-	-	-
Dias (2019)	Religiões de matriz africana	Religiões de matriz africana	Religiões de matriz africana	-
Soares; Vianna; Ferreira (2021)	Religiões de matriz africana	Religiões de matriz africana	Religiões de matriz africana	Religiões de matriz africana
Rodrigues; Almeida (2023)	Catolicismo; evangélica;	-	-	Catolicismo e Evangélico
Busin (2008)	Catolicismo	-	-	Catolicismo
Santos (2023)	Evangélica; evangélica inclusiva;	Evangélica inclusiva	-	Evangélica

Fonte: criação dos autores

O trabalho de Gomes; Souza (2022) investigou como diferentes religiosidades podem influenciar no preconceito contra homossexuais, sendo essa população composta por homens e mulheres (97 homens e 136 mulheres), na faixa etária média de 34.3 anos, moradores da cidade de Fortaleza/CE. Os afiliados são compostos pelas religiões: catolicismo, protestantismo, protestantismo inclusivo, espírita e de matrizes africanas. No decorrer dos estudos, foram utilizadas escalas sociodemográficas e de afiliação religiosa, além de escalas relacionadas ao preconceito contra pessoas homossexuais.

Para aumentar a fidedignidade do trabalho, Gomes; Souza (2022, p. 9) decidem que: “*A fim de não enviesar os dados, foram feitas correlações somente com a amostra de heterossexuais (n = 150), com o intuito de eliminar o efeito da orientação sexual dos(as) participantes nos resultados*”. Sendo assim, consideraram somente as respostas de homens e mulheres hetero normativos. Em suas considerações, pode-se perceber três principais cenários:

A partir dos resultados, verificou-se que os(as) protestantes apresentaram o maior nível de rejeição à intimidade, atribuíram mais emoções negativas e menos emoções positivas em relação aos homossexuais. Os(as) católicos(as) apresentaram valores equivalentes aos protestantes em relação à maior rejeição e à menor atribuição de emoções positivas, mas não houve diferença significativa em relação às emoções negativas (...) quando o grupo apresenta uma maior rejeição à intimidade, expressa mais emoções negativas e menos emoções positivas, pode-se considerar a expressão de um preconceito flagrante. Baseado nessa lógica, observa-se uma prevalência de atitudes preconceituosas flagrantes nos(as) participantes católicos(as) e protestantes, sobretudo nos últimos. (Gomes; Souza, 2022, p. 11)

O segundo cenário pode dar indícios de uma camuflagem do preconceito existente no espiritismo:

Em comparação aos dois grupos anteriores, os(as) espíritas mostraram uma menor rejeição à intimidade com homossexuais, mas apresentaram valores correspondentes na atribuição de menos emoções positivas, não havendo diferença significativa em relação às emoções negativas (...) Apesar do menor nível de rejeição, a equivalência dos(as) espíritas com os(as) cristãos(ãs) em relação aos menores índices de expressão de emoções positivas parece indicar a existência de um preconceito sutil nos(as) adeptos(as) do espiritismo (...). (Gomes; Souza, 2022, p. 12)

Em paralelo a estes dados, o terceiro cenário – mesmo não estando livre do preconceito - pode-se perceber uma “esperança” acerca da influência religiosa a grupos minoritários como os homossexuais:

Em relação aos adeptos de matriz africana, esses apresentaram valores equivalentes aos(as) protestantes inclusivos(as) quanto à menor rejeição à intimidade com homossexuais e à maior atribuição de emoções positivas, caracterizando os(as) participantes desse grupo também como não preconceituosos/as (...) não se pode afirmar que tais afiliações possuem uma doutrina que preconiza abertamente a aceitação da homossexualidade, já que há uma espécie de fragmentação dogmática, que varia de acordo com a interpretação da autoridade de cada terreiro, justamente pelo caráter oral e ausência de um “livro sagrado” nessa religião. Porém, apesar disso, essa postura menos preconceituosa e de maior aceitação da homossexualidade foi identificada na presente pesquisa (...). (Gomes; Souza, 2022, p. 12)

O segundo estudo, de Ribeiro; Comin (2017), analisou a ótica da religiosidade e suas influências sobre os preconceitos acerca da comunidade LGBTQIA+, a partir de pessoas homossexuais que participam dessas religiões (Católicos, espíritas e evangélicos). Foram ao todo 11 participantes (7 homens e 4 mulheres) na faixa etária de 20 a 30 anos. Sua metodologia é qualitativa, ou seja, a influência dos dados quantitativos não possui maior peso que os dados qualitativos.

Foram analisadas quatro principais áreas: perspectiva dos participantes sobre a posição de sua religião em relação à homossexualidade; vivência dos participantes na comunidade religiosa; relacionamento familiar e influência religiosa; influência da religião. E os resultados registrados foram:

De modo geral, todos os participantes demonstraram discordar da visão de pecado por vezes atribuída à homossexualidade por suas religiões (...) um participante afirmou que entrou em contato com duas visões, em que há Igrejas evangélicas contrárias à homossexualidade, mas há as que aceitam pessoas de orientação homossexual (...) os participantes católicos afirmaram que o catolicismo possui uma visão contrária à homossexualidade, prevalecendo a concepção de pecado. Todos os participantes demonstraram não concordar com a mesma (...) todos os participantes espíritas relataram que o espiritismo não é contra a homossexualidade. Três participantes

concordaram com a visão do espiritismo, apenas um participante concordou parcialmente, relatando que a visão dessa religião é limitada, entre outros aspectos, pois não possui diferenciação entre identidade de gênero e orientação sexual. (Ribeiro; Comin, 2017, p. 5)

Os autores ainda citam que essas pessoas não estão livres do preconceito, visto que podem ocorrer momentos na qual as doutrinas ou pessoas do meio religioso, possam utilizar de narrativas de cunho preconceituoso. Ainda assim, também existem vertentes que buscam se reinventar, se desconstruir e não perpetuar esse sofrimento para com essa população, visto que, as doutrinas tradicionalistas e fundamentalistas geram sofrimento a essa comunidade.

O terceiro estudo, de Santos *et al* (2017), investigou como as religiosidades e sua violência de negação de corpos LGBTQIA+ influenciam na homofobia internalizada. Ao todo, foram 94 participantes (49 homens e 45 mulheres homossexuais) em relacionamento estável com parceiros do mesmo sexo, com uma média de idade de 28,32 anos. Foi utilizado questionário sociodemográfico e escalas sobre religiosidade e satisfação conjugal como metodologia e análise de dados quantitativa. Em consideração sobre os dados obtidos:

Os dados obtidos nesta pesquisa apontam que altos níveis de religiosidade estiveram presentes em sujeitos que apresentaram altos níveis de homofobia internalizada, corroborando a hipótese do estudo (...) desta forma, fica perceptível a validade da existência da relação entre religiosidade e homofobia internalizada encontrada neste estudo, pois, em resumo, a religião condena o comportamento homossexual, que é encarado como algo errado, influenciando diretamente no juízo de valor dos indivíduos. (Santos *et al*, 2017, p. 699)

O estudo de Santos *et al*, apesar de se aproximar de sua hipótese de que a religiosidade pode influenciar no processo de homofobia internalizada, não especifica qual religiosidade, doutrina ou em quais contextos esse processo pode ser propiciado. Como foi observado em outros estudos aqui descritos, a generalização de “fatos” pode contribuir com a ideia de que, todas as religiões e doutrinas estão de acordo e alinhadas com a violência propagada para com essa comunidade (casais homossexuais nesse caso). Porém, em diferentes estudos, foi possível verificar que existem segmentos religiosos que estão preocupados com a inclusão e a não violência.

No quarto estudo, realizado por Dias (2019, p. 39), em sua revisão bibliográfica, identificou as ‘aproximações e rejeições’ dos corpos trans. em locais de religiosidade de matriz africana, em especial o candomblé.

As dissidências se gênero (e sexuais) desestabilizam a ordem binária de gênero nas comunidades-terreiro e isso causa impactos a ponto de promover modificações nas estruturas das religiões de matrizes africanas, o que, por si só, já fornece elementos para repensarmos as nossas formações dentro de nossas comunidades-terreiro. O campo mitológico nos ajuda a compreender as nuances de sexualidade e de gênero que norteiam nossas vivências nas comunidades-terreiro, de modo que tais vivências cotidianas estão diretamente relacionadas às nossas práticas ritualísticas, pelo fato de que elas são constitutivas de nossas vidas. Ainda que tenhamos grandes desafios para que as identidades trans.* sejam de fato consideradas parte das comunidades-terreiro, estamos avançando no que se refere à inserção delas nesses espaços.

As religiões afrodescendentes, diferente das religiões judaico-cristãs, não possuem o conceito de ‘pecado ou julgamento moral’. O seu culto é para com a natureza, os ancestrais e com o corpo. A mitologia e cosmovisão particular do candomblé, propicia um entendimento do mundo que não é sobre certo ou errado, bom e mau, pecador ou santo, mas sim, sobre as relações entre indivíduos e o sagrado (que são muitas coisas além da natureza). Nas casas de santo, a hierarquia é entre Babalorixás e Yalorixás (pais e mães de santo), seus filhos e irmãos de santo. Nesse sentido, os aspectos socioculturais desse segmento propiciam um lugar para além do julgamento, mas para o acolhimento de tudo que é sagrado, inclusive os diferentes corpos.

Nos itans dos Orixás Logun Edé e Oxumarê, ambos teriam a dualidade macho/fêmea. Coexistem, para esses dois Orixás, relações de gêneros fluídos e suas práticas são sempre dúbias (...) ora eles assumem uma forma, ora outra e assim se permitem experimentar novos prazeres. Vários Orixás se valeram dessa condição de ambiguidade e mantiveram relações com Orixás do mesmo sexo. (Dias, 2019, p. 11).

Não se nega que possa existir o preconceito nesses segmentos; porém, em sua égide, essas violências não são disseminadas como partes constituintes de suas expressões religiosas e de suas “liturgias”.

O quinto artigo, de Soares; Vianna; Ferreira (2021), mescla métodos de observação participante e de revisão de literatura para esboçar como os dirigentes de terreiros de candomblé percebem a presença de corpos trans. em seus espaços religiosos e na própria religião.

Cabe aqui um recorte sócio-histórico sobre os cultos afrodescendentes no Brasil. Apesar do candomblé ser uma diversidade religiosa, com raízes nos cultos às divindades e ancestrais de diversos países do continente africano, o contexto na qual tais cultos chegam às terras “brasileiras”, é em conjuntura de escravatura, onde os escravizados que aqui chegam, não puderam cultuar suas divindades, mas sim, a divindade dos colonizadores (cristianismo – catolicismo). Para a preservação das tradições e de seus cultos, algumas características tanto cristãs quanto socioculturais brasileiras e de povos indígenas, foram incorporadas ao culto, dentre as quais, a questão da binariedade, que ainda é fator de tabu.

Não obstante, emerge um diálogo das casas de Candomblé quanto a questão do binarismo sob o olhar que descendem de uma cultura eurocêntrica, cristã, uma vez que códigos binários como bem-mal, certo-errado, céu-inferno, masculino-feminino, não contemplam a pluralidade da pessoa humana para as tradições culturais de descendência africana. (Soares; Vianna; Ferreira, 2021, p. 1011)

Muito dessa incorporação de valores morais podem estar mais acentuados na Umbanda, uma religião considerada sincretizada e brasileira, que em sua composição, se mescla com crenças afrodescendentes, indígenas, católicas, espíritas, esotéricas e culturais de cada região do país. Nesse sentido, tal como em segmentos cristãs progressistas e inclusivos, não se tem uma ideia ou posicionamento homogêneo sobre a inclusão de pessoas LGBTQI+ em seus meios religiosos, como são vistos e tratados. Cada terreiro segue uma hierarquia própria, e ensinamentos que por vezes, podem ser distintos.

Apesar de considerar as vivências das sexualidades não cisgêneras e das transexualidades e das travestilidades como um tabu a ser quebrado, movimentos contra hegemônicos a esta visão estão surgindo em diversas casas de asé pelo Brasil afora. Ainda que existam algumas figuras do clero candomblecista pensado sobre a moral sexual dentro do culto afro-brasileiro e a necessidade de repensar seus conceitos, o laico vem ganhando protagonismo nessas questões. Entretanto, fica evidente ao longo desta pesquisa que por mais que se fale em avanços, as ações existentes são de sobremaneira muito incipientes e ainda carregadas de valores conservadores e preconceituosos. (Soares; Vianna; Ferreira, 2021, p. 1018)

No sexto artigo, Rodrigues; Almeida (2023), mediante a investigação em uma iniciação científica, compreendeu os processos de construção identitária na cidade de São Paulo. Foram entrevistados 4 homens gays na faixa etária de 25 a 35 anos, com abordagem qualitativa, em entrevista semiestruturada. Em um dos tópicos da entrevista, o quesito religião é questionado a um dos entrevistados. O entrevistado revela que, crescer em um lar católico e posteriormente, conviver com a religião evangélica, geraram desfechos de sofrimento e que dificultaram seu processo de se experienciar enquanto um homem gay em descoberta de sua sexualidade.

(...) a religião cristã... essas religiões de base cristã têm isso de rechaçar todo e qualquer LGBT+ né, a qualquer contexto e comportamento. Então eu quando comecei a me entender como como um homem gay eu fiquei: ‘não, é errado’, por que o fulaninho, não é assim? Por que fulaninho gosta de meninas eu estou olhando para os meninos? Não, está errado. Então, o berço católico, pois mais tarde eu tive contato com a religião cristã evangélica, foi pior ainda. É, eu já não achava nem que está estava errado eu achava que tinha algum demônio, era alguma outra coisa, um espírito, entidade do mal que estava no meu corpo né? E passei aí dois anos me iludindo. E hoje eu posso dizer que eu me iludi. Hoje atualmente me considero agnóstico. M. (Rodrigues; Almeida, 2023, p. 148)

Cabe aqui ressaltar que, no cerne do cristianismo, os segmentos que possuem posturas (em sua maioria) de negação e violência contra pessoas LGBTQIA+, são considerados os *fundamentalistas*². Corroborando com as pesquisas aqui citadas, há uma repetição em que, o protestantismo e o catolicismo são colocados em um lugar de negação, violência e de intolerância para com as pessoas LGBTQIA+.

Em sua dissertação de mestrado, Busin (2008) analisou as influências do catolicismo na construção da imagem de homens gays e de mulheres lésbicas, a partir de grupos focais e entrevistas. Participaram dos grupos focais (7) sete homens gays e (6) seis mulheres lésbicas.

(...) constatamos que o catolicismo contribui de forma significativa para uma percepção negativa que gays e lésbicas têm de si mesmos/as, por se inscrever a homossexualidade em um campo de ilegitimidade moral e pela internalização muito precoce das ideias de pecado, vergonha e culpa que marcam fortemente as pessoas homossexuais. (Busin, 2008, p. 9)

² O fundamentalismo cristão defende alguns pontos centrais, sendo o principal: A Infallibilidade bíblica – sendo a Bíblia um documento divinamente revelado, onde nenhum ponto trazido pode ser questionado. Se for, ela provará estar sempre certa, pois é a expressão da vontade de Deus para os seres humanos. Esse item também dá margem a outra prática fundamentalista – a interpretação literal da Bíblia. (BELOTTI, 2010b, p. 135)

Apesar de seu estudo ser do ano de 2008, o autor levanta questões necessárias ao realizá-lo em uma pós-graduação de ciências da religião, pois, os estudos analisados, em sua maioria, não são corriqueiros nessa área, mas proeminentes em outras áreas das ciências humanas e sociais. Nesse sentido, tanto a psicologia da religião quanto ciências da religião possuem poucos referenciais teóricos acerca da relação (comunidade LGBTQIA+ e Religião), em especial, no contexto brasileiro.

Santos (2023) em sua monografia para o curso de jornalismo, integrou a realidade de pessoas da comunidade LGBTQIA+ em uma modalidade original e pouco vista em artigos ligados ao tema: o rádio documentário, especificamente, o *podcast*. Assim, pôde introduzir as vivências de jovens da comunidade LGBTQIA+ nas igrejas evangélicas e suas dificuldades de inserção e pertencimento, e, também, a esperança de construção de laços em vertentes inclusivas que são contra o fundamentalismo religioso. Foram entrevistados (4) quatro homens e (2) duas mulheres sobre o tema, todos inseridos nesse contexto, sua pesquisa se qualifica como qualitativa.

Os que eram chamados de minoria, hoje somos muitos e estamos ocupando grandes espaços. Entre todos os lugares visitados e frequentados pela comunidade LGBT+, temos a igreja, que outrora poderíamos dizer o quanto nossa presença era improvável. Realmente, é possível que esses dois mundos se entrelacem sem que seja necessário criar uma barreira. Afinal, estamos falando de uma mesma fé. Mesmo assim, é notório a necessidade de se criar espaços como igrejas contemporâneas, inclusivas ou não, para que a liberdade seja experimentada e sentida da forma mais correta possível. Tais igrejas inclusivas fazem com que pessoas da comunidade se sintam aceitas e possam de fato exercer a sua fé cristã, sem aquela sensação de ser “anormais” em um ambiente tão contaminado pelas regras impostas por quem os lidera. (Santos, 2023, p. 47)

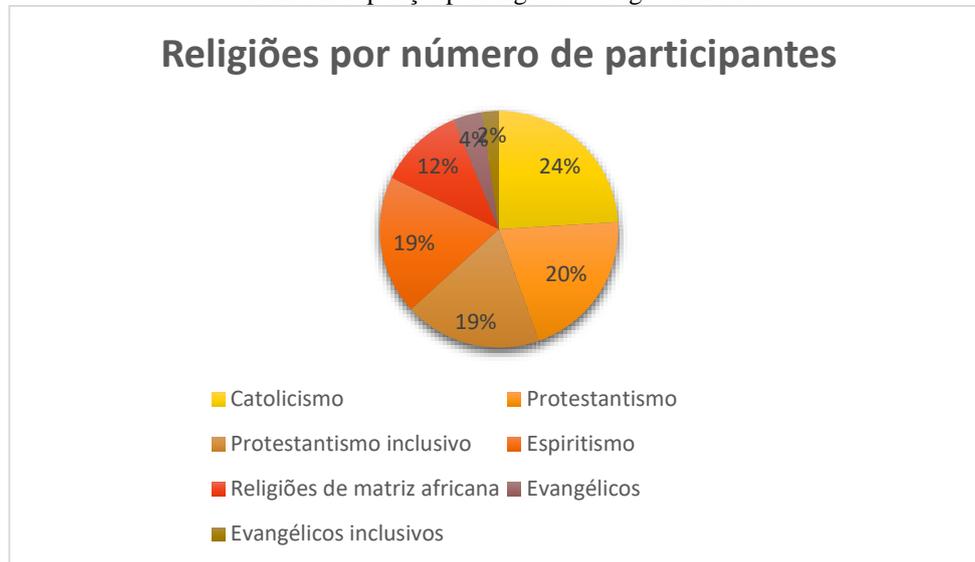
O autor, através do *podcast*, analisa as histórias de vida dos participantes dentro do contexto religioso, e que, o fundamentalismo religioso mascarado de “tradicionalismo” tem feito com que jovens da comunidade busquem cada vez mais espaços na qual se sintam seguros para praticar e vivenciar sua religiosidade.

Entre as metodologias aplicadas nos artigos analisados, os que são considerados “quantitativos”, alcançaram resultados mais “sólidos”, em parte, pelo número de participantes. Sua abordagem não implica necessariamente em interpretar a realidade da pesquisa por meio da teoria, mas sim pelos dados que se apresentam após as análises e comparações das respostas. Por meio da revisão bibliográfica, percebeu-se que entre os 8 artigos analisados, quatro (4) consideram as religiões protestantes e evangélicas inclusivas e religiões de matrizes africanas, com um posicionamento positivo acerca da comunidade LGBTQIA+, em paralelo a essa realidade, cinco (5) dos 8 artigos consideram as religiões protestantes e evangélicas “tradicionalistas/fundamentalistas” e o catolicismo, como religiões que possuem um posicionamento negativo acerca da comunidade LGBTQIA+, e dois (2) artigos consideram que o espiritismo é neutro acerca da comunidade LGBTQIA+.

O gráfico 1 revela o número de participantes de cada artigo, e separa-os por religião, cabendo a ressalva de que, nem todos os artigos relataram o total de participantes por religião, nesse caso, foram compilados somente os dados que

pudessem ser separados para a construção gráfica. Os oito (8) artigos juntos, somam 258 participantes em suas pesquisas.

Gráfico 1. População por religião dos artigos analisados



Fonte: criação dos autores

As religiões que mais apresentam adeptos são: catolicismo com 24%; protestantismo com 20%; espiritismo e protestantismo inclusivo, cada uma com 19%; seguidos das religiões de matriz africana com 12% e os 6% restantes de evangélicos e evangélicos inclusivos. Separando os grupos, 125 pessoas fazem parte de religiões que possuem um posicionamento negativo acerca da comunidade LGBTQIA+ e 49 fazem parte de religiões com posicionamento neutro, enquanto 84 fazem parte das religiões que possuem um posicionamento positivo acerca da comunidade LGBTQIA+.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das religiões no cenário brasileiro tem sido tema corriqueiro em análises voltadas a estudos históricos, antropológicos e sociológicos. Contudo, a psicologia pouco tem se debruçado sobre a influência das diversas religiões na constituição subjetiva do povo brasileiro. O presente artigo pretendeu averiguar a influência das religiões na subjetividade da população LGBTQIA+ brasileira, tema esse que deve extrapolar as ditas “ciências humanas e sociais”, pois se trata de um tema ímpar para a psicologia e outros saberes interdisciplinares.

Por meio da revisão bibliográfica de livros e artigos, foi constatado que (1): a teoria sócio-histórico-cultural, postulada por Vygotsky, pode servir como teoria norteadora para evidenciar que, na contemporaneidade, as religiões são tratadas somente como “expressões da subjetividade humana”; porém, enquanto instituições sociais, as religiões possuíram e ainda possuem grande influência na cultura

brasileira, a cultura cristã em especial, está enraizada nos costumes e na moral brasileira, um dos principais exemplos disso é a criação da “cultura gospel/evangélica”, que separa os cristãos dos não cristãos. (2): As religiões cristãs podem influenciar a subjetividade da comunidade LGBTQIA+, por dois meios: diretos e indiretos. Sob a perspectiva sócio-histórica, o sujeito e sua subjetividade são formados em constante encontro com o outro e com o meio. Esse contato é sempre mediado, sendo mediado pela linguagem, pela cultura, pelos meios de comunicação, entre outros. Ou seja, se por meio da liturgia cristã é propagado que a homossexualidade e a diversidade de gênero e sexual é uma abominação, essas asserções podem influenciar seus adeptos a acreditarem que de fato, a comunidade LGBTQIA+ é desviante dos “propósitos de Deus”, ou eles devem ser adequados a norma cristã ou excluídos, demonizados, violentados. A incitação ao ódio e ao preconceito é um exemplo de influência direta para com essa população, e inserir em uma sociedade as normatizações morais de como determinados grupos devem ser e agir, incitando na formação de uma cultura, são os meios sutis e indiretos de influenciar essa população.

Corroborando com esse fato (3): Foram constatados que, entre os 8 artigos revisados entre os anos de 2003 até 2023, as religiões tradicionalistas e fundamentalistas do cristianismo: católicos e protestantes, possuem uma visão negativa acerca da comunidade LGBTQIA+. Também foi constatado que (4): As religiões inclusivas do protestantismo e as religiões de matriz africana são aquelas que menos praticam preconceitos contra essa população, porém, são a minoria na sociedade brasileira. Por fim, o estudo demonstrou que, as diversas religiões no Brasil podem influenciar a comunidade LGBTQIA+, e as cristãs tradicionalistas e fundamentalistas são as que mais possuem uma visão negativa (preconceituosa e violenta) para com essa população.

É necessário que, em estudos futuros, possam ser investigados quais são as diferentes influências dessas religiões e suas consequências no desenvolvimento subjetivo e identitário da comunidade LGBTQIA+ e seus impactos positivos e negativos na vida desses indivíduos.

REFERÊNCIAS

- BELOTTI, Karina Kosicki. Pluralismo protestante na América Latina. SILVA, Eliane Moura da. BELOTTI, Karina Kosicki. SILVEIRA, Leonildo. (Org.) **Religião e Sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: UMES, 2010a. p. 55 - 71. Disponível em: <http://editora.metodista.br/livros-gratis/religiao-e-sociedade-na-america-latina>. Acesso em: 07 de nov. de 2024.
- BELOTTI, Karina Kosicki. **Fundamentalismos e intolerâncias**. SILVA, Eliane Moura da. BELOTTI, Karina Kosicki. SILVEIRA, Leonildo. (Org.) **Religião e Sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: UMES, 2010b. p. 133 - 148. Disponível em: <http://editora.metodista.br/livros-gratis/religiao-e-sociedade-na-america-latina>. Acesso em: 07 de nov. de 2024.
- BERGER, Peter L. O que é uma instituição social? FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza (Org.) **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: LCT, 1977. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7366515/mod_resource/content/0/O%20QUE%20C3%89%20UMA%20INSTITUI%20C3%87%20C3%83%20SOCIAL_FORACCHI.pdf. Acesso em: 12 de nov. de 2024.
- BEZERRA, Nathalia Ellen Silva; AZAMBUJA, Cristina Splenger; FERREIRA, Pablo Rodrigo. **Religião e Psicologia**. Curitiba: **Intersaberes**, 2021. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/194855>. Acesso em: 5 nov. 2024.
- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2024.
- BIELO, James S. **Antropologia da religião: fundamentos, conceitos e prática**. Petrópolis: Vozes, 2022. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/203279>. Acesso em: 5 nov. 2024.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 07 de nov. de 2024.
- BUSIN, Valéria Melki. **Homossexualidade, religião e gênero: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas**. 2008. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [s. l.], 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/2086>. Acesso em: 29 out. 2024.
- DIAS, Claudenilson da Silva. Vivências de gênero dissidentes em religiosidades de matrizes africanas: alguns aspectos sobre as transexualidades na religião. **Revista Veredas da História**. V.12. N. 2, 31 dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/rvh.v12i2.47829>. Acesso em: 23 out. 2024.
- GOMES, Ágatha Aila Amábili de Meneses; SOUZA, Luana Elayne Cunha de. Todo religioso é preconceituoso? **Psic**. v. 52. N. 4, 31 dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2021.4.36291>. Acesso em: 23 out. 2024.
- IBGE. **Censo 2010 | IBGE**. 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>. Acesso em: 23 out. 2024.
- JOENK, Inhelora Kretschmar. Uma Introdução ao Pensamento de Vygotsky. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 3, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1276>. Acesso em: 27 nov. 2024.

KARNAL, Leandro. Catolicismo na América Latina: período da conquista e da colonização. SILVA, Eliane Moura da. BELOTTI, Karina Kosicki. SILVEIRA, Leonildo. (Org.) **Religião e Sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: UMES, 2010. p. 17 - 31. Disponível em: <http://editora.metodista.br/livros-gratis/religiao-e-sociedade-na-america-latina>. Acesso em: 07 de nov. de 2024.

LURIA, Alexander Romanovich. **Desenvolvimento cognitivo**: seus fundamentos culturais e sociais. 2ª Ed. São Paulo: Ícone, 1990.

MAMEDOV, G; SHATALOVA, O. **Against Simple Answers**: the queer-communist theory of Evald Ilyenkov and Alexander Suvorov. Agosto de 2017. Disponível em: <https://medium.com/katharsis/g-mamedov-o-shatalova-a-teoria-queer-comunista-de-evald-ilyenkov-e-alexander-suvorov-9e397d7c0fb5>. Acesso em 12 de nov. de 2024.

RIBEIRO, Laura Moraes; COMIN, Fabio Scorsolini. Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. **Psicologia & Sociedade**. V. 29, 7 dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i162267>. Acesso em: 23 out. 2024.

RODRIGUES, Ryan Dutra; ALMEIDA, Luiz Roberto de. Construção identitária do Homem Gay: uma exploração dentro da cidade de São Paulo. **Fórum Nacional de Publicações Acadêmicas**. V. 03, n. 01, 2024. [S. l.]: Home, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.46898/home.b3bf38fc-b125-4291-bb7c-9310f67d09f1>. Acesso em: 28 out. 2024.

ROSSETTO, E.; BRABO, G. A constituição do sujeito e a subjetividade a partir de vygotsky: algumas reflexões. **Travessias**. Cascavel. V. 3. Nº 1, 2009. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3238>. Acesso em: 12 nov. 2024.

SANTOS, Mateus Felipe dos. PESSOAS DA COMUNIDADE LGBTQ+ E SUAS VIVÊNCIAS EM IGREJAS EVANGÉLICAS. 2023 50 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023. Disponível em: <https://monografias.ufop.br/handle/35400000/5678>. Acesso em: 23 out. 2024.

SANTOS, Elder C. et al. Homofobia internalizada e religiosidade entre casais homoafetivos. **Temas em Psicologia**, v. 25. N. 2, 2017. Pp. 691-702, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/tp2017.2-15>. Acesso em: 23 out. 2024.

SOARES, Katia Reis Amorim; VIANNA, Marcos Besserman; FERREIRA, Aldo Pacheco. A transexualidade e a tradição do candomblé: gênero e cultura em debate. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, v. 9, n. 2, p. 1008-1020, 10 maio 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.16891/2317-434x.v9.e2.a2021.pp1008-1020>. Acesso em: 25 out. 2024.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. Manuscrito de 1929. **Educação e Sociedade**. Vol. 21. N. 71. July, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/hgR8T8mmTkKsNq7TsTK3kfC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 de nov. de 2024.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Teoria e método em psicologia**. SP: Martins Fontes, 2019.